

Manaus, dia 20 de janeiro de 1981.

CEDI	P. I. B.
DATA	05, 04, 83
COD.	PAD 243

Exmo. Dom Aloisio Boorscheider.

Fraternos abraços.

Na revista VETA li as suas palavras em
quais confiei com muita razão porque referiu
na luta do povo minoria, mas primeiro a ser
esmagado por setores enganadores como a FUNAI
que só faz promessas de demarcar as terras in-
dígenas, e mesmo alguns membros da igreja
que só acreditam na evangelização como acon-
tece na Prelazia do Rio Negro - AM.

Envio-lhe assuntos que nunca espera-
va, os nossos fatos, a nossa luta contra a
injustiça que é série de desagrados, e não
sei se a V. Excia compreenderá, mas faço pos-
sível para que possa firmar nas palavras,
pois sei que será o tema na reunião dos bis-
pos em Itaici.

O Papa João Paulo II, em Manaus teve
um encontro marcante pelo seu caráter demo-
crático com 54 líderes indígenas que vieram
denunciar o "massacre e a omissão da FUNAI".

Nesses dias continuamos na mesma luta porque não houve solução para nossos problemas; assim é que dirigimos aos nossos conhecidos para que eles divulguem os nossos padecimentos, ou senão fazemos "Assembléias Indígenas" onde debatemos os assuntos os quais não são novidades, mas uma seqüência de horrores como a V. Excia verá.

Aqueles que entendem os nossos problemas são poucos, outros só ajudam penetrar costumes diferentes em nossas terras para acabarem a nossa indentidade indígena, isto é, esquecemos os nossos mitos quando recebemos os ensinamentos dos brancos. Portanto, vivemos segundo a educação que recebemos. É por isso, que emprego nestas folhas, as falhas que encontramos. No que lhe digo Excia, francamente estou amargurado. Sou indígena da nação TUKANO da região do Rio Tiquié - Am, tenho 28 anos e sou solteiro.

Em novembro do ano passado estive na Holanda, na cidade Rotterdam expus aos europeus e ao mundo a realidade do povo indígena do município de São Gabriel da Cachoeira, área em que habitam várias nações indígenas. Espero palavras de apoio de V. Excia porque são mais fortes que minhas, e nós como sempre considerados "ÍNDIOS", que é

palavra pejorativa para nós, tentamos moderar a ação pastoral do bispo, Dom Miguel Alagna, mas não conseguimos porque não somos importantes na sociedade brasileira, pelo contrário somos humildes e humilhados.

Em vários lugares a FUNAI, O EXÉRCITO, O PROJETO RONDON falaram que vão demarcar as terras indígenas, os lugares de pesca e de caça, ou os lugares dos parentes e cunhados, isto é, sem consultar os moradores da região. Assim não dá mesmo para vivermos em paz porque somos provocados para uma briga pela terra. Nisso o Dom Miguel Alagna não vê, se sabe, não se interessa e fica calado.

Quando me refiro "TERRA" lembro-lhe Excia, que para receber o apoio do governo e do Presidente da FUNAI é que o Dom Miguel Alagna convidou indígenas TUKANO de Pari Cachoeira para dançar diante do Papa e do público, a dança que para nós era sagrada virou folclore, sem valor. Dom Miguel Alagna riu e gostou, achou que os moradores de Pari Cachoeira são mais ativos que tantos indígenas da Prelazia do Rio Negro, porém não lhes disse que estavam enganados por ele. É baseada na sua autonomia, o Dom Miguel Alagna colocou MHAHÃPOARI (coxar de penas de arara) na cabeça do Papa. Não era coroa dos sábios e velhos; era de um

menino (moleque). Então o Papa foi considerado moleque por nós. E toda essa confusão desmoralizante foi do nosso prelado, Dom Miguel Alagna. Será que todos os bispos estariam de acordo com isso? Nós, indígenas TUKANDOS, DEÇANOS, TUIUKAS, ... ficamos envergonhados e rebaixados porque as nossas culturas foram desrespeitadas até diante do Santo Padre.

Vendo informações como essas e porque sou vítima, levei ao IV Tribunal Bertrand Russel a mensagem triste para o conhecimento internacional, que reconhecesse também o nosso direito à terra, à identidade cultural. Denunciei o ETNOCÍDIO que vem sendo operado contra as nossas comunidades indígenas onde cúmplices desses crimes são próprias instituições oficiais que nos alegam serem boas. Quero dizer-lhe que a nossa luta é equivalente a do Ajuricaba dos tempos coloniais, ou dos recentes: Antonio Pereira Xavier (pankararé) e do Angelo Kretan (kaingang), ou de outros países portadores de ditadura ou não (Bolívia, Chile, Peru, Guatemala, Nicarágua, Rep. Panamá, etc) onde os indígenas são torturados nas prisões e mortos pelos soldados. Vê-se que nós continuamos sendo repudiados pelos brancos ou pelos próprios indígenas que são enganados pelos brancos.

Não sei se a V. Excia estaria de

acordo com a nossa luta dos povos TUKANO, DEÇANO, TARIANO, ARAPAÇO, KARAPANÁ, PIRATAPUIA, KOBÉWA, KAMÁ, BARÉ, YANONAMI, MIRITITAPUIA que hoje são destribalizados, isto é, não têm mais chefe com poderes tradicionais, e por isso é que vivem espalhando-se em São Gabriel da Cachoeira, em Santa Isabel do Rio Negro ou em outras cidades mais distantes.

Os jovens das nossas tribos estudam até o ginásio, segundo grau; alguns até nos cursos universitários arranjados pelo Sr. Brigadeiro Protásio, em Belém-PA. Nós não sabemos mais para que estudamos tanto, pois até agora somos piores que antes. Não temos mais alegria de viver no meio de nossos pais porque os professores e educadores dão mais valor para as coisas do branco, querem que nós sejamos brancos, que falemos a língua portuguesa, que vivamos sem sabedoria dos nossos antepassados, os pagãos e atrasados, e muitas vezes considerados como seres irracionais, objetos de brincado.

Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, nós, indígenas não temos coragem para falar a nossa língua materna diante dos brancos que vieram do nordeste, porque se falarmos eles nos chamam de "MAKU" que é uma palavra mais ofensiva que existe para nós. É uma palavra de baixo sentido pejorativo. É por

isso mesmo que estudamos, para não sermos ofendidos, mas não adianta, nas ruas somos ofendidos como sempre, embora que tenhamos mais conhecimento que o branco analfabeto.

Trabalhamos para sustentar os brancos, vendemos bananas, farinha, peixe, galinha, porcos com preço baixo, pescamos durante as noites, e no fim os brancos nos chamam de "FIM DO PEQUENO". Quem manda lá em São Gabriel da Cachoeira são os brancos nordestinos: até analfabeto branco é superior que indígena só porque é branco. Os nossos filhos com ginásio ou com segundo grau servem para divertir aqueles que nos destribalizam. Muitos dos jovens prestam serviço militar e aprendem com soldados brancos a violência, as facadas, a maneira de agredir em bando contra um homem, a maneira de agarrar uma mulher para copularém 10 ou 20 ou mais numa só indígena, e assim é que transmitem as diversas doenças venéreas que antes não conhecíamos.

É assim a realidade de lá. Enquanto na região de Taracua, Pari Cachoeira, Tauaraté, Jçana ou nos sítios do todo município não existem mais rapazes e moças para animar as festas, pois são enganados pela violência ou vício dos brancos. É pelo desespero que a maioria toma cachaca para não ficarem tristes. Enquanto em casa os pais choram porque os seus filhos não

se encontram no meio deles. O que acontece com as filhas indígenas, muitas vezes, é o fato mais triste para nós, porque as alunas ou mesmo ex-alunas são emprenhadas pelos brancos e depois largadas ou jogadas, os brancos só querem ter relações sexuais com mulher indígena. Assim as alunas indígenas quando estão prenhas desistem os estudos, não voltam mais para casa e vão para Manaus ou em outras partes porque têm vergonha. Outras são empregadas com militares do exército, e quando estes são transferidos para outros lugares elas também vão e não voltam mais.

— Agora faço-lhe essa pergunta: - será assim que deve ser feita a EVANGELIZAÇÃO, a CIVILIZAÇÃO, a EDUCAÇÃO para os povos indígenas? Eu é que não sei se está certo, pois vejo que isso está errado, é mentira para nós. A nossa geração diminuiu porque ninguém dos indígenas quer casar com uma mulher que foi prostituta dos brancos. Então, com quem vamos casar? Com filhas dos oficiais, doutores, padres, freiras? Com ninguém! É por isso, que muitos rapazes vão para Venezuela, Colômbia ou embarcam nos barcos dos comerciantes como marinheiros, outros páram nos seringais ou piacabais, e lá morrem de febre, de gripe, de tuberculose, outros acabam nas cadeias. Lá não tem

mais EDUCAÇÃO, os educadores não se preocupam
mais cuidar deles porque já consideram-nos
perdidos. É assim.

Está em São Gabriel da Cachoeira o
Posto da FUNAI e não tem poder porque a
ordem superior de Brasília deixa invadir
as áreas indígenas os aventureiros para
descontentar o povo ou denunciar os
nossos princípios culturais. A invasão é constan-
te, a FAB (Força Aérea Brasileira) abriu nove
(9) aeroportos e não pagou indenização, enfim
alegrou só aos militares, porém para nós compli-
cou mais coisas porque é nesses aeroportos que
nossas filhas embarcam para se servirem de em-
pregadas nas casas dos militares ou doutores,
ricos, em Manaus como estas: Angela Maranhão,
Ana Lenos, Carme Loina, Estefania Marinho,
Antonia Sampaio, Palmira Lenos, Madalena
Castro, Assunta dos Santos, Regina Duarte,
Terezinha de Abreu, Francisca Costa, Alzira
Veloso, Quitéria Penha, Bernadete Costa, Cláui-
da Fernandes, Análenos Sampaio, Bernadete
Matos, fora das paróquias de São Gabriel,
Juana, Iauaraté, Taracá. Exceto outras se
encontram em outras cidades como estas:

Paulina Machado (Brasília), Regina Sarmiento (SP),
Fortunata Fontes (Belém), Margarida Azevedo (Belém),
Alexandrina Tebo (Rio), Anastacia Sampaio (Rio)

Paulina Sampaio (Rio), Justina Tenório (Rio), etc.
Para: bem dizer Excia, as novas parentas estão em todas capitais onde estão as bases militares da FAB.

Quem mais se destacou nessa operação de abrir os aeroportos foi o Brigadeiro Protásio facilitando transportes, doações, enfim, as mais beneficiadas são as freiras salesianas; quando elas pedem tem avião a disposição para elas. Alguns jovens da Prelazia do Rio Negro, isto é, 30 fazem universidade em Belém do Pará, isto porque o Protásio comprou as vagas. Os alunos indígenas foram considerados INDIOS, MAKUS.

Nas viagens do Sr. Brigadeiro Protásio os nossos filhos recebem-no com desfiles, ginásticas rítmicas, enfim as freiras oferecem-lhe a melhor comida que nunca indígenas comeram. Existe racismo nas freiras, isto é, nunca vimos freira preta nas missões do Rio Negro ou as indígenas nunca comem sequer na mesa delas, as freira camuflam para tomar refeições.

Sim, o Brigadeiro Protásio é muito querido dos missionários porque transporta de avião tudo de graça aquilo que eles precisam. Os retratos dele estão no Patronato Santa Terezinha e no Museu do Índio em Manaus para serem admirados pelos visitantes brasileiros e turistas estrangeiros. Foi conside-

rado "Benfeitor do Rio Negro". Para mim não o foi porque ele levou minha parenta minha, Margarida Rezende Azevedo (TUKANA) para abraçar os TIRIO'S (indígenas do Pará), lá ela foi empreitada pelo cabo da aeronautica. Ela que era inteligente, bonita, hoje como pecadora pública está expulsa da missão salesiana, está em Belém e virou a mulher da rua. Foi assim, e é assim que ele faz. Levou até um que ia ser chefe da nação Yanonami do rio Maia (afluente do rio Cauaburis), o filho. O futuro chefe foi destronado pelo Brigadeiro Protásio. Será que podemos chamar de BENFEITOR assim desse jeito se nos faz perder os poderes e os direitos? Será que existe PAZ e AMOR NUMA TAL EVANGELIZAÇÃO? Excita, o que lhe não é boato, sim minha palavra de vítima dessa destruição.

De quem recebemos a Evangelização? Sim, essa parte é dura. Confio-lhe e desabafo a minha queixa. Infelizmente alguns missionários sujam a congregação como esses:

Guilherme Adamek (tcheco), em Pari Cachoeira gostava de espolar os membros dos meninos ou vice-versa, e gratificava-os por isso; se não foi atendido nessas perversões diminuía comida no refeitório que era pirarucu ou charque. Certo dia um MAKU de nome PI'KÔ na hora de estimular o pênis, passou a pi-

menta. É o Guilherme ficou apavorado porque a pimenta ardeu, mas coitado menino levou coração bem feio. Não sei se salesiano deve ser homossexual, pois sabe-se que ele fazia assim. Hoje está em Jauraté, e como era, continua como inimigo das nossas cerimônias sagradas e dos nossos costumes. Compra artesanato por Cr\$40,00 para revender por Cr\$400,00 em Manaus. É ultimamente fez coletar assinaturas de indígenas arredondados por ele, e dos professores daquele local para mandar a queixa ao Comandante da Base Aérea da Região Norte, Belém-PA para prender o Padre Diretor de Jauraté, Vitor, pois ele estava respeitando nossos costumes e nossa gente.

Estava em Tarauacá durante 12 anos o Sr. Tomás Hanley (irlandês), outro homossexual que o povo daquele local ficou sabendo. Gratificou a uma família indígena (Piratapuia), cujos filhos José Maria, Ernestino, Edgar, Graciliano tem usado para seus prazeres. O Sr. Tomás Hanley, uma vez emprenhou a mulher do José Maria e para se livrar disso rompeu drogas para provocar aborto. Hoje o Sr. Tomás Hanley está em São Gabriel da Cachoeira e é o secretário de Dom Miguel Elagna. O Tomás e o Guilherme Adamek são homens ricos, pretam mercadorias com avião BÚFALO da

FAB, fazem tráfico de artesanato indígena para Manaus, e de Manaus levam mercadorias da ZONA FRANCA sem pagar nenhum imposto na alfandega.

Sr. José Molina foi outro homossexual. Em Pari Cachoeira entre outros meninos perverteu o Manuel Moura.

O Padre Norberto Hohenschirer (austriaco), ex-diretor de Pari Cachoeira, e hoje intinerante nessa mesma missão, emprenhou uma indígena enfermeira em Taracua, Conceição da Silva e depois obrigou o Benedito Machado se casar com ela, porem este não o obedeceu dizendo que nada tinha feito de relação sexual. O Pe. Norberto gosta de enamorar e já foi surpreendido de alta hora da noite umas três vezes no dormitório das meninas. Ele aconcha as freiras com beijos como fez com Fr. Ana-Ferreira, e hoje, com Firmã Josefina em Pari Cachoeira nas suas viagens de intinerante, de todos os povoados sabem porque viram. Na Nova Fundação que é uma aldeia de MAKU ele copulou indígena MAKU, Isabel, mulher do Quintino.

O Pe Eduardo Lagório (italiano) emprenhou uma MAKU na Serra dos Porcos (local entre Tauaraté e Pari Cachoeira).

Ele tem uma filha loira, EDU (Eduardo)

comeu; dizem os NAKUS que viram. No outro lado a própria mulher confirma, dizendo que foi o Padre Eduardo mesmo. Padre Eduardo parece um doido, celebra a missa em língua TUKANO, usa vinho de acura no lugar de vinho de uva; beiju de mandioca no lugar da hóstia, e quer usar caca no lugar de cálice; quer fazer filmes para TV para ganhar dinheiro ou muitas vezes, faz músicas para ser admirado pelos jornalistas. Era salesiano e, depois foi para Colombia, em Mitu onde mora com o bispo com o bispo Dom Belarmino, mas continua visitar e dar aulas em língua TUKANO nas missões de Pai Cachoeira e Jauaraté.

O Padre Pedro Davico (italiano), intinerante de Tapuruquara (Sta. Isabel) fugiu com uma freira, Sr. Socorro Maria Félix para Bahia depois de muito acoso e cópulas nas margens do rio Negro, nas praias.

Em Maturacá, afluente do rio Caraburis, Padre Pedro Teixeira era instalado como pároco. Trouxe uma prima de Minas Gerais e passou só copulando na mata diante dos índios, os que voltavam da caça o viram várias vezes montado em cima da boa prima. Hoje não é mais padre, e mora em Minas Gerais.

Passaremos para outro assunto. Uma vez em Pari, o diretor como também é hoje, Luciano Chiappini (italiano) permitiu que o gerente da Empresa Aérea Panair do Brasil levasse o filho José, do tuchawa Manoel Machado para Rio, para ser educado lá. Mas os filhos do gerente só ensinaram-lhe a viver nos melhores puteiros do Rio, isto durante cinco anos. Após a morte do pai, José Fernandes Machado ficou só e voltou para. Em casa, sentiu-se uma grande diferença porque não tinha puteiros, assim logo veio para Manaus. Hoje vive com outra mulher separado da esposa e duas filhas, em Manaus. É marginalizado e está empregado na FUNAI como braçal. Ele que seria o chefe legítimo de TUKANOS de Pari Cachoeira ficou perdido em Manaus.

Uma indígena TUKANA de Bela Vista, de nome Conceição Pimentel suicidou-se porque estava prenha de um branco da primeira turma do Projeto Rondom. Isso aconteceu em Pari Cachoeira.

Aqui em Manaus, uma indígena TUKANA de Taracará de nome Regina Duarte sofreu acidente de carro. Quebrou a perna esquerda, hoje, inutilizada não quer voltar para casa da mãe, porém não deixa o clube aos sábados.

Uma prima minha, Luíza de Pari Cachoeira, Rosalina Fernandes Maranhão ficou preta enquanto morava num apartamento 202, no segundo andar, no edifício Solimões, Pari na grama, envolveu a criança num saco plástico, jogou no lixo, mas a polícia descobriu e investigou. Desoberto o caso, o patrão Tenente Louis deu resgate para policial não divulgar, para serem presos. Isso aconteceu e chocou muito para nossa família. Porém ela continua como empregada nessa mesma casa não quer voltar para casa. É triste mesmo.

Uma indígena de Taracua, Clotilde Gonçalves ficou preta quando estava empregada numa casa salesiana, isto é, das freiras em Porto Velho. Chegou aqui com dois meses e mais tarde pariu numa sanitária, rasgou a boca da criança para matá-la. Uma freira de nome Luíza ouviu o choro da criança e viu a criança na sanitária, a placenta estava no vaso e o cordão esticado, mas foi o fato mais triste. Eduardo que era unhado dessa infeliz Clotilde, e Mazarelo, irmão dessa mesma andaram de hospital em hospital durante a noite inteira arrodados de policiais. Isso aconteceu numa 4ª feira de junho do ano passado, as irmãs calaram-se ou não deixaram comentar, porém testemunhas não

deixaram o segredo engavetar, a notícia correu de boca em boca. É assim que passam as miúdas parentas e vai ser assim porque as empregadas aumentam cada viagem que a FAB faz nas missões do Rio Negro.

Outros fatos: O zinado Dom João Marchesi logo que chegou em Tauareté expulsou uma família de pajé daquele local para Santa Isabel. Hoje essa família mora em Campinas, abaixo da missão. O mesmo, Dom João Marchesi andou invadindo as festas, quebrando os potes de bebida (caxiri), ou proibindo os indígenas comprarem na dispensa da missão ou menosprezando com palavras brabas como: "você são bichos, demônios, vão morar no mato com os bichos, as casas de vocês são diabólicas...!"

Foi Dom João que comprou o último MÏRÏ (Jurupari, a flauta sagrada dos tukanos, proibida de mulheres verem), e colocou no Museu do Índio em Manaus, para que os curiosos desrespeitassem a flauta. Era coisa sagrada para nós, mas os padres destruíram os nossos conceitos de religião, as festas foram consideradas orgias, as cerimônias de curar doenças foram proibidas, os dabucuris que são umas festas de doação de presentes para parentes, isto é, doa-se a comida seja ela qual for, ou maniva para plantar

na roça acompanhando a mandioca e tapioca, etc. Após a destruição, comprou ornamentos de cerimônias para reverer aos brancos, e nós, hoje, ficamos sem nada.

Pe Antonio Giaccone violou os nossos costumes com uma pregação rigoso, isto é, só comprariam na dispensa sal, fósforo, anzóis quem assistisse a aula de catecismo ou missa. Esse morreu em Belém-PA.

Outro padre que perseguiu-nos mais que esses padres foi o Leonardo Dono, hoje mora em Roma. Destruiu tudo e foi embora. Ele juntava os ex-alunos e fazia AÇÃO CATÓLICA, associação de cristãos católicos para proibir as cerimônias, as festas, os nossos conceitos de religião ou mesmo prenderem os próprios pais seguindo as determinações dele. Assim os ex-alunos em pouco tempo acabaram com a nossa religião, e eu era pequeno mas não me esqueço o que meu pai era, inimigo do próprio povo porque estava obedecendo a ordem do padre. Hoje esses ex-alunos estão arrependidos e acreditam na grande importância de cerimônias. Muitos ex-alunos posteriores foram embora para lugares distantes, Colombia, Venezuela, Manaus, Belém... e deixam a terra natal porque a religião que devia

inicial foi destruída. Hoje continuamos com essa mesma vida, ainda mais porque somos enganados pelas leis dos brancos que para nós nada servem, porém os educadores acham que isso é importante para sermos civilizados.

Como estamos na saúde? Houve em São Gabriel da Cachoeira um prédio grande que deveria ser SANATÁRIO, mas quando Dom Miguel Alagna chegou, deu o prédio para o Exército que instalou hospital militar, e por isso, não existe sanatório para os tuberculosos. Nós, indígenas da população rural não temos nem vacina para nossos filhos.

Assim no ano passado, no mês de abril, morreram 14 pessoas de sarampo em Pari Cachoeira, e muitos mais em Taracuaí (missão salesiana), no Rio Uaupés. A vacina só chegou depois de muitas mortes. Como é que pode ser assim? É depois de tantos anos que os missionários estão conosco (1915-1981), e como deles dependemos nunca houve vacinação completa. Hoje, em dia, andam os comerciantes, vendem-nos remédios quando muitos somos prejudicados pelas drogas porque não temos médicos ou enfermeiros para que nos possam fazer utilizar os remédios como se devia. Remédios tem nos hospitais das missões, muito, outras drogas

foi encerradas. Entre 1973/75 em Pari Cachoeira a Fr. Edwiges (polonesa) suggestionava o pessoal comprarem remédios, mas a cadela da freira, DUQUEZA, nunca vendeu e dava remédios bons até hoje. Tantas outras coisas tristes poderia contar-lhe, mas verã a situaçãõ em que nos encontramos.

O que aconteceu de pior no ano passado é que o Dom Miguel Alagna fez represália contra os inocentes, os alunos tukanos de Pari Cachoeira foram proibidos de estudar em São Gabriel da Cachoeira só porque, eu, tukano fiz um artigo resposta contra o Brigadeiro Protásio. Os alunos eram: Ademir Fontes, Afonso Machado, Antenor Arantes, José Prado Castro, todos do segundo grãu. Ultimamente fez mesma coisa: proibiu as moças tukanas e outros estudarem nesse mesmo local só porque eu fui na Holanda. O Dom Miguel Alagna só trata os militares grandes como Brigadeiro Protásio, Rodopiano que é o Comandante da Base Aérea da Região Norte, com presidente da Funai, João Carlos Nobre da Veiga, eu com a SUDAM para receber a verba. Quando eu critico os abusos, Dom Miguel Alagna diz que sou "macom", que estou falando contra o governo, contra a Funai

e recorre a Nobre da Veiga dizendo, que a Prelazia do Rio Negro e o FUNAI estão sendo perseguidos inocentes. Ele quer falar de PAZ para, mas não vemos PAZ NENHUMA porque ele faz planos para destribilizar mais os indígenas.

Assim concluo dizendo, que a Prelazia do Rio Negro é o MODELO DE DESTRIBALIZAÇÃO DOS INDIGENAS. Parece que somos integrados porque cantamos o Hino Nacional, falamos bem o Português, vivemos como eles (missionários e militares), mandam recebendo-os com bandeirinhas nos aeroportos ou nas escolas tudo como manda o catecismo militar.

É isso a INTEGRAÇÃO, A MORTE DOS POVOS INDIGENAS. Nasceremos livres e sofreremos a história triste de destruição. V. Excia deve ver como é triste a vida do povo ao qual pertencço. Visto que vai haver uma reunião de todos os bispos do Brasil em Itaipó, como já lhe disse e repito, é que coloco todas estas queixas e dados em suas mãos, e quero ver o que é que pode fazer para consertar a nossa situação.

Sem mais nada aguardo uma palavra. Para V. Excia desejo bom desempenho na sua missão pastoral.

Alvaro Fernandes Saupério.
c.c. Dom IVO, Dom Paulo Arns, e Dom Carmine Rocco.